

Ata da Quinta Sessão Ordinária, do terceiro ano da Décima Quarta Legislatura da Câmara Municipal de Jaguariúna, realizada aos dez de março de dois mil e onze, às dezenove e trinta horas, na Sala das Sessões “Vereador Reynaldo Chiavegato”, da Câmara Municipal, localizada no Edifício Municipal Dr. Sebastião Paes de Almeida, desta cidade. Presidente Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri. Vice-Presidente Sr. Fábio Augusto Pina. Secretários Srs. Rubens das Virgens e Alfredo Chiavegato Neto. Primeiramente, foi feita a Leitura de Texto Bíblico, conforme Resolução n.º 80, de 21 de fevereiro de 1997, sendo que o Sr. Presidente convidou o Vereador Airton Braulino Jorge para proferir o seguinte texto: Segunda Carta aos Coríntios – 5, 20-6,2 “Sendo assim exercemos a função de embaixadores em nome de Cristo, e é por meio de nós que o próprio Deus exorta vocês. Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliem-se com Deus. Aquele que nada tinha a ver com o pecado, Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que por meio dele sejamos reabilitados por Deus. Visto que somos colaboradores de Deus, nós exortamos vocês para que não recebam a graça de Deus em vão. Pois Deus diz na Escritura: ‘Eu escutei você no tempo favorável, e no dia da salvação vim em seu auxílio.’ É agora o momento favorável. É agora o dia da salvação.” A seguir, o Sr. Presidente determinou a feitura da chamada, onde foi anotada a presença dos seguintes Srs. Vereadores: Airton Braulino Jorge, Alfredo Chiavegato Neto, Antonio Mauricio Cordeiro Hossri, Edison Cardoso de Sá, Fábio Augusto Pina, Karina Valéria Rodrigues, Maria Nalva Vieira Gama, Rainero Venturini, e Rubens das Virgens. Encontrava-se em licença de Vereador, conforme o Art. 311, V, do Regimento Interno, combinado com o Art. 22, II, “a” da Lei Orgânica do Município, a Senhora Rita de Cássia Siste Bergamasco. Constatando número regimental, o Sr. Presidente, proferindo as seguintes palavras: “Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos”, declarou aberta a Sessão, dando início ao Expediente: primeiramente, foram colocadas em votação as Atas da Sessão Ordinária anterior, da Primeira e da Segunda Sessões Extraordinárias, realizadas em primeiro de março de dois mil e dez, as quais foram aprovadas por unanimidade de votos pelo Plenário e assinadas pela Mesa. A seguir, o Sr. Presidente determinou a leitura da Matéria Constante do Expediente: primeiramente, o Sr. Fábio Augusto Pina pediu a palavra apresentando requerimento verbal, baseado no Art. 213, II do Regimento Interno solicitando que fosse dispensada a leitura da matéria oriunda do Executivo Municipal, dos Requerimentos, das Indicações e das Moções dos Senhores Vereadores, bem como das correspondências de diversos, lendo-se apenas as ementas, como constavam na pauta; em discussão e votação o

requerimento, foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos. A seguir, do Senhor Prefeito foi lida a ementa do Ofício SEGOV nº 0116/2011, dando resposta ao Requerimento nº 028/2011, do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri referente à informações sobre a programação do Município para o Carnaval de 2011, como e onde ele será realizado. A seguir, foram lidas as ementas das seguintes proposituras dos Senhores Vereadores: Requerimentos: 1. Do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal informações sobre o encerramento do contrato com a Flex Park, e como será resolvido o problema de estacionamento no centro da cidade; 2. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal informações do motivo de não ser autorizada a instalação de trailers, barraca de lanches e afins, nos Parques do Município. Indicações: 1. Do Sr. Rubens das Virgens solicitando ao Executivo Municipal medidas que especifica no bairro Roseira de Baixo e Jardim São Sebastião (reparos na pavimentação asfáltica; colocação de tampa em bueiro); 2. Do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal recolocação do Chafariz de 1902 e da original Fonte Luminosa, na Praça Umbelina Bueno; 3. Do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal colocação de um busto do Coronel Amâncio Bueno sobre o monumento de inauguração do prédio do Grupo Escolar Cel. Amâncio Bueno, bem como restauração das jardineiras originais nos muros frontais daquele prédio; 4. Do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal as seguintes providências: identificar o Córrego Berlim, com placa na Praça Mogi Mirim; denominar praça com o nome “Praça Berlim”; denominar rua ou logradouro público com o nome “Padre Guilherme Bruschhäuser”; denominar corretamente a rua Júlia Bueno e denominar outra via com o nome “Julinha Bueno Arruda”; 5. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal promover uma campanha nas escolas públicas sobre Direitos Humanos e Cidadania; 6. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal elaborar uma Campanha de Incentivo à Leitura em toda Rede Pública de Ensino; 7. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal elaboração de projeto de lei instituindo o Dia Municipal de Combate ao Câncer de Próstata; 8. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal elaborar um projeto de lei dispendo sobre a obrigatoriedade das Escolas Municipais incluírem nas carteirinhas e nas fichas escolares, o tipo sanguíneo e problemas de saúde como cardiopatia e alergias de cada aluno; 9. Do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal colocar areia no playground do Parquinho da EMEI Prof. Oscar de Almeida. Moções: 1. Do Sr.

Alfredo Chiavegato Neto de pesar pelo passamento do Sr. Tuguio Fujimoto, ocorrido nesta cidade, no dia 25 de fevereiro do corrente, aos 73 anos de idade; 2. Da Sra. Maria Nalva Vieira Gama de congratulações e louvor ao dia do Bibliotecário, comemorado em 12 de março. A seguir, foram lidas as ementas das seguintes correspondências de Diversos: 1. Comunicado nº 001587/MS/SE/FNS do Fundo Nacional de Saúde sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 22.117,73; 2. Comunicado nº 003327/MS/SE/FNS do Fundo Nacional de Saúde sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 14.303,63; 3. Comunicado nº 005502/MS/SE/FNS do Fundo Nacional de Saúde sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 25.000,00; 4. Comunicado nº 006412/MS/SE/FNS do Fundo Nacional de Saúde sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 6.705,00; 5. Comunicado nº CM000587/2011 do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 197.497,50; 6. Ofício Circular Externo/MDS/SNAS/DEFNAS/CCEOF/Nº37/2011 do Fundo Nacional de Assistência Social sobre liberação de verba ao Município no valor de R\$ 16.389,15; 7. CT TAC/PL – 046/2011 do Gerente Regional da Telefônica do Brasil dando resposta ao Requerimento nº 001/2011 do Sr. Rainero Venturini referente à informações sobre a velocidade do Speedy destinada aos moradores da Praça Emílio Marconato, nas Chácaras Primavera; 8. CT TAC/PL – 049/2011 do Gerente Regional da Telefônica do Brasil dando resposta ao Requerimento nº 004/2011 do Sr. Edison Cardoso de Sá referente à colocação de um orelhão na rua José Dal’Corso, no bairro Parque Florianópolis. A seguir, o Sr. Presidente colocou em votação as seguintes Proposituras, comunicando que se houvesse desejo de discussão, deveriam proceder de acordo com o Art. 154, alínea única, do Regimento Interno, alterado pelas Resoluções nºs 63 e 91: 1. Requerimento do Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri solicitando ao Executivo Municipal informações sobre o encerramento do contrato com a Flex Park, e como será resolvido o problema de estacionamento no centro da cidade, em votação foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos; 2. Requerimento da Sra. Maria Nalva Vieira Gama solicitando ao Executivo Municipal informações do motivo de não ser autorizada a instalação de trailers, barraca de lanches e afins, nos Parques do Município, em votação foi o mesmo aprovado por unanimidade de votos; 3. Moção do Sr. Alfredo Chiavegato Neto de pesar pelo passamento do Sr. Tuguio Fujimoto, ocorrido nesta cidade, no dia 25 de fevereiro do corrente, aos 73 anos de idade, em votação foi a mesma aprovada por unanimidade de votos; 4. Moção da Sra. Maria Nalva Vieira Gama de congratulações e louvor ao dia do Bibliotecário, comemorado em 12 de março,

em votação foi a mesma aprovada por unanimidade de votos. A seguir, o Sr. Presidente deixou livre a Palavra aos senhores Vereadores que quisessem fazer uso por doze minutos, seguindo ordem de inscrição em livro, versando sobre Temas Livres: pela ordem, tomariam a palavra os Sr. Rainero Venturini e Rubens das Virgens, que a passaram; tomou a palavra o Sr. Airton Braulino Jorge que cumprimentou a todos, dizendo ao Sr. Presidente que seu assunto seria rápido, e que ele iria se prender ao Carnaval que tinha sido realizado na Cidade, e que a festa foi bonita, bastante gente presente, uma festa que não souberam de casos de violência, mas uma coisa o incomodava no Carnaval de Jaguariúna, e não era de hoje, disse ao Sr. Presidente; comentou que Jaguariúna tinha um histórico de sempre querer acabar com o desfile de rua, e que as pessoas que iam ao Carnaval de Jaguariúna, tinham duas opções: ficavam assistindo show de Aché ou ficavam assistindo show de música tecno; disse achar que o Carnaval, também, era um espaço democrático, e todos tinham o direito de se divertir, mas que ele entendia, disse ao Sr. Presidente, que se esperava um ano para se ter o Carnaval, e que entendia, ainda, que quando existia um desfile de um bloco, e não só um bloco com camiseta, e que ali ele exaltava a animação e a vontade dos participantes dos blocos em animar a festa, mas o desfile, ele entendia, que fosse um desfile com fantasias, uma Comissão de Frente, com Mestre Sala e Porta Bandeira, com uma bateria desfilando, e que em Jaguariúna viam que isso ia contra a Cultura do País; disse já ter ouvido muita gente comentando que quando via um desfile de Carnaval que passava a bateria, todo mundo se arrepiava, mas era um momento mágico, um momento de emoção se ver uma bateria desfilando, tocando, bonita, e isso estava no sangue do povo brasileiro, e o que lhe preocupava, disse ao Sr. Presidente, era que hoje, se chegassem para um menino de doze, quinze anos, entregasse um tamborim na mão dele, ele não sabia o que fazer com aquilo, não tinha a mínima noção; e que falavam que a moçada gostava, mas que ele achava que a moçada não tinha tido a oportunidade de conhecer o que era um verdadeiro desfile de rua; disse que felizmente, cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, ainda mantinham essa tradição brasileira de ter o Carnaval, e que ele achava que o Carnaval, desfile de escolas, era o Carnaval Família, porque se existisse um desfile, viam que ia o pai, ia a mãe, pegavam as crianças e iam lá para assistir ao desfile, e assistiam ao desfile, e a partir do momento que não existia isso, tocar Aché, tocar música tecno, achava que isso deixava de ser uma festa familiar, ficava uma festa só para a moçada, e não que a moçada não tivesse direito, mas que ele entendia que para se fazer um show com música tecno, não precisava ser Carnaval, e que podiam fazer show com música tecno uma vez

por semana, Carnaval não se fazia uma vez por semana; disse que entendia que Jaguariúna deveria ser repensada essa situação, e que achava importante isso para eles, e que eles pretendiam ser subsede de uma Copa do Mundo em dois mil e quatorze, e que ela entendia que os estrangeiros, as pessoas de outros países que vinham para o Brasil, eles vinham para conhecer o que era o Carnaval, o que era o samba do Brasil; disse que quando ele foi para a Argentina, ele não tinha ido lá ouvir música tecno, ele tinha ido lá para ouvir Tango e ver os bailarinos dançando Tango, e que achava que isso era Cultura Brasileira, e que eles não podiam permitir, que isso se acabasse no Brasil, e que muita gente era contra, ele respeitava quem não gostava de Carnaval, mas gostassem ou não o Carnaval era a tradição do Povo Brasileiro, e isso não podia ser perdido; disse que Aché era festa, era referência do Carnaval da Bahia, e que ele achava interessante que tivesse o Aché, mas música tecno, música eletrônica ele não via o mínimo cabimento, em ter música eletrônica em pleno Carnaval, e que isso era um absurdo, ele já tinha criticado isso outras vezes, e iria criticar toda vez que tivesse isso aí; não era o momento, não tinha cabimento ficar tocando música tecno; disse que o que ele queria, era pedir para que as pessoas repensassem um pouco melhor sobre o Carnaval do Brasil, e que eles não deixassem essa tradição morrer, porque quando falavam em Carnaval de marchinhas, se se ia num clube ouvir marchinhas, se ouvia marchinhas que foram feitas há quarenta, cinquenta anos atrás, não tinha nada de novo, e que isso queria dizer que a marchinha, disse ao Sr. Presidente, que entendia que tinha acabado no País, estavam com os dias contados, estavam agonizantes e iriam acabar, e que se continuasse da maneira que estava indo, iriam acabar com o Carnaval, também; disse de deixar ali aquela reflexão, e que achava que a Secretaria Competente podia se programar para o ano que viria fazer uma coisa, um Carnaval, realmente; disse que Jaguariúna tinha uma tradição de acabar com o Carnaval de rua, e em dois mil, disse que se lembrava que o pai do Vereador ele tinha trazido de volta o Desfile de Rua em Jaguariúna, e que tinha sido isso em dois mil, e que durou até dois mil e dez, foram dez anos e depois acabou o Carnaval de novo, e que agora, quanto tempo eles iriam passar para que isso fosse colocado realmente, que voltasse esse Carnaval Família para as ruas, com respeito a todo mundo que gostava de Aché, que gostava de tecno, mas não podia se impedir das pessoas poderem manter a cultura, a tradição do País, e que ele lutava por isso, era nacionalista, brigava pelo seu País, defendia o que era deles, e achava que eles estavam na contramão quando fechavam os olhos para essa tradição do País, desejou boa noite e agradeceu; a seguir, tomou a palavra o Sr. Alfredo Chiavegato Neto que cumprimentou a todos, dizendo

que iria pegar um gancho com relação ao Carnaval, e achava que era um assunto que tinha que ser abordado, e se iniciando com a questão da liberação do Carnaval, no espaço, que ele voltava a falar ali, que achava que tinha que ser lá no Centro Cultural mesmo, já fazia parte da tradição da Cidade de ter o Carnaval naquele local, e, infelizmente, eles viam a Justiça travando este tipo de festa popular, de uma forma tão absurda, deixando todo mundo até a última hora sabendo se iria ter ou se não iria ter o Carnaval de Jaguariúna que, realmente, já fazia parte, não só da Cultura da Cidade, mas da Região toda do Circuito das Águas, e que tinha tido muitos colegas que vieram de outras cidades para cá para curtir o Carnaval, porque sabiam que o Carnaval de Jaguariúna era um Carnaval de qualidade que, realmente, tinha que perpetuar, mas, infelizmente, viam a Justiça tomando atitudes tão arbitrarias, como se, realmente, trouxesse um dano muito grande para a população que, às vezes, não gostava do Carnaval; disse que sabiam que estava perto do Hospital, que existia um pouco de transtorno, mas infelizmente e felizmente eram quatro dias só, e que dava para poder suportar este tipo de diversão, por parte da população, enfim, acreditava que tinha que haver um pouquinho mais de sensibilidade por parte da Justiça em apoiar esta festividade, e que sabiam que fazia parte da Cultura da Cidade; disse comungar com o Vereador, também, e que achava que o Carnaval, se pudesse ser o mais eclético possível para atender a todo mundo, que bom, exclamou, mas que pelo menos que se mantivesse a cultura da qual ele tinha surgido, que era através das Escolas de Samba, e que sabiam da dificuldade de se ter uma escola de samba, de ter uma bateria; tinham pessoas da Cidade que esperavam por isso, esperavam o apoio da Administração para que, realmente, ocorresse, enfim, sabia que tinha muita gente que remava contra para que isso não acontecesse, mas tinha que ter e que achava que o Carnaval fazia parte da Cultura mesmo e todas as facções que ali levavam o nome do Carnaval, através de qualquer ação, popular, tinha que haver o apoio da municipalidade, e esperava que, realmente, os blocos, através de uma escola de samba, enfim, pudesse fazer parte dos carnavais vindouros; disse que Carnaval de Rua, na região, parecia que só tinha em Amparo, infelizmente, só Amparo, e achava que só duas escolas tinham desfilado neste ano em Amparo, salvo melhor juízo, e que ele não estivesse enganado; disse esperar que eles pudessem, de uma certa forma, tentar resgatar isso; sabiam que hoje, o Carnaval da grande mídia, movimentava muito dinheiro, mas achava que um Carnaval simples, para poder atrair um pouquinho a população e ainda mais ter um momento de descontração, para depois participar de um baile popular, como era o baile popular lá, achava que valia a pena sim, e merecia todo o

apoio deles; disse que gostaria de falar, também, do requerimento que o Mauricinho tinha feito a respeito da Flex Park, e que acreditava que eles iniciaram um trabalho de conscientização e de um estacionamento, realmente, para que as pessoas que se utilizassem do centro da cidade, pudessem fazê-lo de uma forma tranqüila e rápida e que, infelizmente, o Flex Park foi ficando para trás, não havia nenhum tipo de fiscalização, legislação, punição, enfim, não estava funcionando mais, e acreditava que como o Mauricinho tinha solicitado informações, o contrato expirou, e que era importante eles terem esse tipo de serviço para o município, o custo do Flex Park era em torno de dois centavos o minuto, achava que era o mais barato da região, dois centavos por minuto, pagava-se somente aquilo que utilizava, e a rotatividade dos veículos que utilizavam era muito grande; disse que hoje se via a turma reclamar, e muito, de se estacionar no centro da cidade, e cada vez iria ficar pior, e que viam os inúmeros carros que estavam entrando no mercado e a tendência maior, e que voltava a dizer das pessoas que utilizavam este espaço, era dos comerciantes, infelizmente, dos comerciantes que trabalhavam no centro da cidade, não só dos comerciantes, dos comerciários, dos bancários que chegavam de manhazinha, colocavam seu carro lá e ficavam lá o dia inteiro; disse que tinha que haver uma regulamentação, a Associação Comercial tinha que ter um papel importante nesta discussão, e achava que ela estava omissa nesta questão, ela tinha que chamar à discussão porque era importante para o lojista ter esta rotatividade até oferecer este tipo de estacionamento a seus clientes que estavam ali para poder usar de seu comércio rapidinho; desejou que o Vereador recebesse a resposta ao mais rápido possível, e esperava que o projeto caminhasse ou mudasse, mas que desse uma solução para a questão do estacionamento no Centro da cidade; disse, a seguir, de fazer um agradecimento em público da sua pessoa ao Amorim, e também ao pessoal do Gabinete, que na semana anterior intervieram na dispensa de uma funcionária do Hospital, que tinha lhe deixado totalmente desconcertado pela atitude da Administração do Hospital em fazer isso, e ainda bem que ao seu lado, naquele dia, estava o Fabinho, e que, dificilmente, ele ia ao Hospital, e naquele dia ele teve que ir, e solicitou a presença do Fabinho com ele, lá, e ficaram conversando ali na portaria, perto de onde o pessoal batia o ponto, e eles conversando lá saiu uma enfermeira do horário de trabalho, achava que ela tinha ido bater o ponto, e que ficou conversando com ele ali um pouquinho, e, infelizmente, naquele momento tinha chegado o Carlos, que era o Diretor do Hospital, todo solícito, os levando a conhecerem uma ala nova que tinha sido recém inaugurada no dia vinte e dois de fevereiro, que era a ala, e que o Silvio Santos falava muito isso,

dos colaboradores, e eles foram visitar, e ele muito solícito, com a educação que só quem não o conhecia mesmo que sabia que tinha, enfim... infelizmente, no outro dia, a funcionária lhe ligou desesperada dizendo que o nome dela tinha sido encaminhado para o Gabinete, para ser dispensada do Hospital, pensava ele que era porque ela estava conversando com ele, porque não tinha outro motivo, e que desesperadamente ela tinha lhe ligado, pedindo para que ele desse uma olhadinha para ela, enfim, e que ele ligou para o Gabinete, e a funcionária do Gabinete que lhe atendeu, disse que, realmente, o caso tinha chegado em suas mãos, e que ele disse que não era possível, e o que tinha acontecido era isso, eles estavam conversando lá, foram dez minutos de conversa, e por isso que ela estava sendo mandada embora; a pessoa que o atendeu disse a ele que sabiam disso e que iria fazer o possível, mas ainda bem que toda demissão agora tinha que passar pelo Gabinete, o Gabinete tinha pedido esta solicitação à direção do Hospital que não fizesse nenhuma demissão sem ter um aviso, para que a Prefeitura ficasse sabendo; nesse ínterim, também, tinha ligado para o Fabinho, o Fabinho ligou para o Amorim, para que, realmente, intercedesse nesse caso, e graças a Deus a funcionária estava lá; disse que falava isso porque ele, na sua vida política e pública, podia sofrer as retaliações, represarias, enfim, que fazia parte da vida deles, principalmente, pública, mas prejudicar determinadas pessoas por uma atitude que sabiam que era a mais normal possível, que era conversar, era inadmissível; disse que ele tinha ficado muito chateado com a situação da funcionária, triste com a decisão da Direção do Hospital, e tinha certeza que foi o Carlos que pediu, porque lhe falaram que foi o Carlos que pediu, e essa pessoa, realmente, cada vez que passava, caía no seu conceito, e que esperava que... enfim... que Deus botasse a mão na cabeça dele, que, realmente, ele pudesse pensar um pouquinho mais nas atitudes que cometia, que pudesse tentar prejudicar menos pessoas; agradeceu de público a essas pessoas que, realmente, intervieram, a seu pedido, a pedido do Fabinho, que, realmente, essa pessoa não fosse prejudicada; disse que a ele poderia prejudicar à vontade, não tinha problema, arcava com a responsabilidade do seu cargo, mas não pessoas que, realmente, não tinham nada a ver com o assunto e que ele “malemá” conhecia, sabia que era uma pessoa que estava no Hospital há mais de seis, sete anos, mas que não fizessem isso, porque, realmente, eles começavam a ficar chateado com a política; disse esperar que isso não ocorresse mais e que as demissões, realmente, fossem feitas com critérios, e que as pessoas pudessem pelo menos ter a oportunidade de serem ouvidas, e que não acontecesse nada de mal a elas; disse ser o que gostaria de dizer, e agradeceu a todos; a seguir, tomariam a

palavra os Srs. Edison Cardoso de Sá e Fábio Augusto Pina que a passaram; tomou a palavra a Sra. Karina Valéria Rodrigues que cumprimentou a todos, dizendo de deixar ali claro que, aproximadamente, uns seis, sete, oito meses, que se existia uma unanimidade entre eles, e tinha sido solicitado ao senhor Prefeito era que o senhor Carlos deveria ser dispensado do Hospital, e que em várias reuniões que eles tinham tido com o Prefeito, foi solicitado isso, por algumas questões pessoais, outras questões por não ter capacidade à altura de um Hospital, e por esses casos que se repetiam, se repetiam, se repetiam constantemente; disse que a dúvida ficava era porque ele não era mandado embora, a dúvida ficava do porquê não se respeitava, e que eles, Vereadores, não tinham esse poder de mandar ninguém embora, mas eles recomendavam que essa pessoa que, por sinal era veterinário, fosse dispensado de um cargo desses, e o problema não era ser veterinário, o problema era tratar as pessoas pior do que se trataria um cachorro, porque se ele fosse veterinário do jeito que ele era com o cachorro dela, ele o morderia, do jeito que ele tratava; disse que ela achava que eles não conseguiam entender, e que ali não se tratava de risadinhas, não se tratava de oposição e de posição, se tratava que o Hospital estava mal dirigido, e ela ali, publicamente, achava que eles, Vereadores, tinham sim, culpa nisso, porque por mais que eles estivessem pedindo, pedindo, pedindo a mudança, a sociedade não suportava mais, e eles tinham que tomar uma atitude; disse achar que a questão do funcionário Carlos, como de outros integrantes do Hospital, era insustentável, repetiu, era insustentável no Hospital, eles tinham reclamações e mais reclamações; disse que a dúvida que ficava era do porquê essa pessoa com tantas denúncias, com tantos casos concretos, continuava no Hospital, como, também, ela sempre levantou isso, e ver que o Hospital, hoje, trinta e três por cento do seu orçamento, era para administrar o Hospital, que era um valor altíssimo; disse que na Administração Hospitalar, hoje, se supunha que este índice não poderia ser mais de vinte por cento, e oitenta por cento tinha que ser no atendimento; disse ao Sr. Presidente que ela achava, sinceramente, que eles deveriam, assim como sugestão, e não sabia se a palavra certa era essa, fazer uma audiência pública, fazer um questionamento por escrito ao senhor Prefeito, e que ele escutasse aquelas pessoas que representavam a população, que eram eles, Vereadores; disse que se cansou de ver o Dr. Airton reclamar, eles, Vereadores, e a coisa continuava; disse achar que, muitas vezes, as pessoas podiam ser intransigentes ou não gostar de um certo atendimento no Hospital, mas se a isso somassem ser maltratados no Hospital, já era demais; comentou que se a pessoa ainda ia no Hospital, e por questões burocráticas ou gerenciais tinha que esperar um pouco

e o funcionário lá com uma carga emotiva muito grande na medicina, ainda era maltratado, achava que eles estariam sendo injustos, quando funcionários públicos, que trabalham lá, com os Comissionados que trabalhavam lá, que por sinal eram bastante, e com a população; disse que a dúvida que ficava ali no ar era como o Carlos ainda continuava no Hospital, com todas as reclamações que eles tinham feito? Que força tinha um cidadão para trabalhar numa Prefeitura quando os nove Vereadores tinham sido unânimes em achar que ele deveria sair do Hospital e realocado em outra jurisdição, em outro Departamento, em outra Secretaria? Disse que eram essas coisas que eles começavam a se questionar, e que ela achava, abertamente, que o caso não era de medir forças, e que eles, ali, em nenhum momento pediram para mandar o Carlos embora da Prefeitura, e que tinham pedido que ele fosse realocado, confirmou com o Dr. Airton, em outro espaço, que não fosse o Hospital, e isso não acontecia; disse que eles ficavam ali com a impressão que ele tinha muita força, e que essa força não vinha da capacidade intelectual científica, porque não tinha capacidade para se defender cientificamente ou gerencialmente, vinha de uma força do além, que o cara tinha que estar lá porque... não entendia o porquê que ele tinha que estar lá; disse achar que eles precisavam sentar com o senhor Prefeito, conversar isso, pedir mais uma vez, porque era um caso muito grave; disse de querer ali ressaltar que ficava para ela a dúvida, repetiu a dúvida, de como era difícil eles tentarem sugerir mudança na Administração; comentou dizer isso, e até solicitava a permissão do senhor Presidente, para contar um caso que tinha acontecido com ele, e que ele tinha ligado para a Secretaria da Educação, por sinal hoje era uma Secretaria que, como Vereadora, não a convencia, e solicitou para uma funcionária, e que achava que o Presidente poderia confirmar, e que solicitasse que tinha uma bolsa de uma pessoa na UNIP, de um transporte; quando essa pessoa falou que isso era ilegal e respondeu para o Presidente da Câmara, que ele só pedia coisas ilegais, e que ele não tinha direito de ligar na Secretaria para pedir um negócio, aí mais uma vez entrava a mesma pessoa do Gabinete, a Nenê, entrava o Amorim, e apagava o incêndio, mas que eram para olhar a petulância de uma funcionária falar para o Presidente da Câmara, e solicitar transportes para uma faculdade ser uma coisa ilegal, e que uma funcionária falou para o Presidente da Câmara, e que ele poderia confirmar, e por telefone; disse que tinham chegado num ponto, que eles não podiam permitir que o Vereador fosse tratado como palhaço, e se solidarizava com a posição do Vereador, porque achava que uma grosseria extrema e como ela achava que a Secretaria de Educação do Município tinha que ser menos petulante sim, tinha que ser mais humilde, tinha que abaixar o cavalo, tinha que

lembrar que uma das piores escolas do Estado estava nesta cidade, e que na última pesquisa saiu que uma das piores escolas do Estado estava em Jaguariúna e pararem de fazer politicagem barata na Secretaria de Educação; disse que, logicamente, que seus membros por um direito constitucional tinham o direito de se filiarem ao partido que quisessem, mas tinham que funcionar, porque ela achava que tirar foto, e mais foto e mais foto, já cansou, tinha que dar resultados, e que achava, voltou a repetir, e que isso acontecia, e que ontem por uma questão da força e luz, da energia elétrica, acabou a água na cidade inteira, e que estava avisado e tudo; disse que ela ligou no um cinco meia, perguntando se eles podiam lhe dar uma explicação, e que ela achava que não reconhecer a voz dela era sacanagem, meio gaga, com sotaque, o cara não reconheceu, perguntou; e que o cara falou que não sabia e lhe desligou na cara; disse que daí se ligava na Secretaria de Água não atendia ninguém, e que tinha que dar o serviço, as pessoas precisavam da água, e que poderiam dizer que iria voltar dali a duas horas, a três horas, era um caso emergencial, precisava de um carro pipa, precisava de um serviço excepcional? Disse que ninguém sabia, e que ela achava que eles tinham que entender que algumas pessoas, do mesmo jeito que eles estavam ali elogiando o Amorim e a Nenê, outras pessoas tinham que entender, que atender bem a população não era um favor, era uma obrigação e que recebiam para isso, porque tinham Secretarias que o cara parecia que estava fazendo um favor; tinha Secretaria que se sentia um cliente e não um cidadão, e que eles não eram clientes, eles tinham o direito de ser atendidos; disse ao Sr. Presidente, que era para eles imaginarem, e que ficava ali essa dúvida, terminando sua fala, se para o Presidente da Câmara um funcionário da Secretaria da Educação, falava que pedir um transporte era uma coisa ilegal, e que o Presidente sempre pedia coisas ilegais, e que queria até que o Sr. Presidente confirmasse sua fala até com um aparte para satisfazer o Edison se isso foi verdade ou não, se para o Presidente era tratado assim, que era a terceira autoridade do Município, imaginassem como era tratado um pobre coitado nesta cidade, se a petulância permitia a um funcionário a fazer isso; disse que entendia que o Sr. Prefeito depois chamou, o Sr. Prefeito, a mulher, pediu desculpas, mas se ela fosse Prefeito era demissão por justa causa, e que achava que funcionário tinha que entender, que fosse o Presidente da Câmara, fosse um Zé Mané, fosse um nordestino, fosse um argentino, quem fosse, tinha que ser bem atendido porque ele recebia para isso; disse que estavam invertendo valores na Cidade, e eles precisavam, sim, não generalizar, porque tinha muita gente que era prestativa, e vestia a camisa da cidade, mas tinha muita gente que, no mínimo, estava de brincadeira; a seguir, pediu a palavra a

Sra. Maria Nalva Vieira Gama que cumprimentou a todos, dizendo ao Fred que era lamentável, e que ela ficava muito triste como sindicalista ver um comportamento desses, até porque via-se muito isso na época da ditadura com o Sindicalismo, que os trabalhadores não podiam chegar próximo dos Sindicatos que eram dispensados do trabalho; disse achar que era uma vergonha para a Cidade o comportamento de uma pessoa dessa estar administrando uma entidade como o Hospital e tomar uma atitude, e não importava se eles eram oposição ou não, eles eram Vereadores, eles estavam ali para ouvir a população, fosse oposição ou não, e pediu para imaginarem se a moda pegasse, qualquer Secretaria, qualquer ambiente da Prefeitura, qualquer Vereador, porque era oposição ou não, ia conversar com um trabalhador, ou até mesmo com a população, ele iria ser punido por isso; disse que era lamentável mesmo, via-se muito isso no movimento sindical, antigamente, na ditadura, e que achava que essa pessoa estava no local errado; achava que ele deveria estar em outro local, ele vivia em outro planeta, ainda, ele não caiu na real ainda, e que se ela fosse uma funcionária entraria com um processo contra ele por assédio moral, e que isso cabia um assédio moral, e que achava que isso era um absurdo, e que isso não deveria ser admitido de forma alguma; disse que gostaria de deixar ali seu agradecimento à Prefeitura e também à Secretaria de Cultura pelo apoio ao evento do Dia Internacional da Mulher que ela tinha realizado no sábado, tinha sido maravilhoso, teve a entrega de vários brindes, cosméticos, foram entregues mil e duzentas violetas, também camisetas; foi um dia agradável, foi maravilhoso, e que queria deixar seu agradecimento à Prefeitura e à Secretaria de Cultura, em nome da Graça; agradeceu, desejando boa noite a todos; a seguir, tomou a palavra o Sr. Antonio Mauricio Cordeiro Hossri que disse à Vereadora Karina, de esclarecer aquele caso, e que era o seguinte: tinha um aluno que ele tinha sido aprovado no ProUni estadual, ele foi aprovado no ProUni, não municipal, Estadual, e para onde ele necessitava ir, era na UNIP, num campus onde não existia transporte, porque ele era o único da Cidade que iria até lá, e não tinha van, nem ônibus de linha dava em relação ao horário de saída de lá para ele usar; disse que a mãe e o pai vieram ao encontro dele para ver o que poderia ser feito para ele não perder essa bolsa que era direito lá na UNIP e essa bolsa que ele ganhou do ProUni Estadual, e ele, como Presidente da Câmara, mas na sua maneira de ser, ele não quis fazer uso do poder e chegar direto no Prefeito ou em outro órgão, pulando as fases, e que ele quis respeitar as fases e as formas como chegar, e que ele tinha ido lá, primeiramente, tinha ligado na Secretaria de Transporte Escolar do Município, e pediu o que poderia ser feito, e que ficaram de averiguar se aquele ônibus

passava ou não lá, e viram, realmente, que ele não passava, e que era um único menino e nada poderia ser feito; no dia seguinte, deu a notícia para a mãe, se talvez ele conseguisse o passe de ônibus de linha, facilitaria e daria certo para ela, e que ele conseguiria o passe, obviamente, com a Metrôpolis, mas depois ela veio ver que o horário de saída da faculdade, não dava certo, porque o ônibus já teria passado, saía às onze e vinte, se ele não se enganava, pois ele tinha que pegar dois ônibus até chegar no ponto de origem; disse que ligou novamente e perguntou à respeito de van, obviamente não tinha nenhuma van que passava para lá; passados dois três dias, a mãe veio novamente em seu gabinete, e falou que conseguiu uma van de Amparo, a qual tinha o destino, que era lá na UNIP, onde o menino iria estudar, e que ficaria duzentos e trinta reais mês para este aluno, não perder a bolsa e fazer este curso de direito que tanto ele sonhava; disse que, novamente, ele ligou lá, isso sem passar a fase, por que atropelar? Iria respeitar o trabalho dela, iria respeitar a Secretaria e iria pedir informação para tentar chegar e também para fazer a função, a qual era destinada, e falou sobre o caso e o que poderia ser feito em relação a pagar essa van para o garoto: “não, que esta van não existe! Já se paga os passes das vans daqui, em relação aos passes dos ônibus da Metrôpolis!” E que ele perguntou, o que poderia ser feito, então, e a funcionária disse que nada, e que ele falou: “muito bem! Mais uma vez essa Secretaria, essa pasta, não atende um pedido meu.” Disse que a funcionária virou para ele e disse: “Como não te atendo? Toda vez que você pede é uma coisa ilegal! Você quer que eu tire o dinheiro do ônibus tal, ou da nota da van tal, para pagar?” Disse que daí ele virou um bicho, poderiam desculpar, mas ele virou um bicho, ele tratar com coisa ilegal? Disse que todos eles, ali, tinham um nome a zelar, achava que acima de tudo ele foi querer passar fase por fase, e recebia uma resposta dessas? Não aceitou. Aí virou um bicho, ficou muito nervoso, e aí teve as providências necessárias, aí ocorreu que a funcionária foi chamada no Gabinete, não porque do seu pedido, apenas tinha questionado o fato para todo mundo ficar sabendo e que não queria, porque não gostava desse tipo de coisa; ela foi chamada pelo Prefeito, mandou que ela se retratasse do lado do Prefeito, e que era até uma coisa constrangedora, e que ele não precisava disso, não gostava disso, não precisaria disso, mas ficava aí este alerta que a Karina tinha dado em relação ao tratamento com que às vezes eles eram tratados, se era a, b, c ou d, ou Presidente ou Vice, ou Vereador, não sabia ao quê, às vezes eles eram tratados como qualquer um; disse que era lógico que eles eram representantes do povo, eles eram qualquer um, mas acima de tudo, todos eles tratavam as pessoas com respeito, e as pessoas, essas Secretarias e os empregados dessas Secretarias,

com respeito; a questão do Carlos, disse à Vereadora Karina, achava que eles teriam uma boa notícia no dia seguinte, e que ele tinha ficado sabendo naquele dia, a partir das dezoito horas, que ele tinha se despedido, que ele tinha sido remanejado, mandado embora, se não se enganava, parecia que, no Hospital, ele não iria mais, e que tinha tido um caso grave com uma nutricionista, também, que ele não podia aparecer perto daquela nutricionista a tantos metros, que ela tinha que ficar longe na distância, e que isso foi, obviamente, minando a gota d'água, fora os incidentes diários que andavam acontecendo, o assédio; disse que tinha recebido essa notícia há pouco, e que, provavelmente, estariam livre, pelo menos, desse empecilho lá no Hospital; comentou que outra coisa bacana que iria acontecer, tinha ido outro dia visitar o ex gabinete, na Prefeitura, ficou mais feliz com a obra que vinha sendo realizada, e o “muro de Berlim”, o “muro da Alemanha”, iria cair em poucos dias, e que tinha ficado muito feliz do que ele tinha visto dentro, e que achava que iria ficar um negócio legal, achava que iria voltar obviamente para uma utilidade ao povo, iria ser um atendimento, não sabia o quê, mas aquele muro ia cair, iria voltar a escadaria, foi um pedido, uma reivindicação quase de todos Vereadores, então este muro já estava com os dias contados; a seguir, disse que tinha feito aquele requerimento, como o Fred falou, sobre o estacionamento da Flex Park, terminou, realmente, no dia vinte e oito do dois o contrato, e terminando este contrato, estava praticamente insuportável, insustentável o que viam no dia a dia, no centro da cidade e imediações, e disse que não existia mais lugar para parar, até no antigo escadão, lá embaixo, pra lá da Padaria Gothardo, não se encontrava mais lugar, e que pediu qual seria a solução, o que iria ser feito; disse que o estacionamento pago, ali do lado, que era o antigo posto, que cobrava-se dois reais, nem este tinha mais lugar, tinha fila para entrar, e de sábado, então! Sábado na feira livre era um caos, infelizmente, era um caos; disse achar que todos deveriam se mobilizar, eles, Vereadores, para ver e como o Fred tinha falado da Associação Comercial, teria também que comprar a briga, porque às vezes os próprios comerciantes chegavam e deixavam seus próprios veículos a poucos metros dali e ficava ali o dia inteiro, tirando os lugares de seus clientes que iam fazer uso fruto do comércio; disse que isso precisaria de um estudo, uma conscientização, porque do jeito que estava não poderia ficar; disse que também tinha feito ali um requerimento sobre a volta da fonte que, antigamente estava um abrigo de dengue, esse problema foi solucionado, porque só ficava aquela água empossada ali na fonte, e que ele estava pedindo para que voltasse aquele chafariz antigo, de mil novecentos e dois; antigamente, tinha a fonte luminosa, quando ele era criança, na sua

infância ele via aquilo lá, e que era uma coisinha simples, barata, e achava que iria alegrar a Praça; disse que pediu, também, que colocasse o busto do fundador de Jaguariúna, o Coronel Amâncio Bueno, em cima da pedra do monumento de inauguração do grupo escolar que hoje era a sede da Prefeitura Municipal, bem como aqueles vasos antigos que tinham na frente e podiam ser valorizados, para dar ali e resguardar esses monumentos históricos que tinham na cidade; disse que a Cidade só ganharia com isso, preservaria esse patrimônio, coisa que, praticamente, todos os moradores daqui tinham estudado nesta escola, todos os moradores daqui acompanharam e viveram seus momentos de infância, adolescência, e achava que a pouco custo alegraria e melhora o visual desse patrimônio histórico, na cidade. Terminado o Expediente, o Sr. Presidente suspendeu a sessão por 15 (quinze) minutos, conforme determinava o Art. 149, Parágrafo Único, do Regimento Interno. Terminado o prazo concedido, o Sr. Presidente reabriu a Sessão determinando a feitura da chamada, onde foi anotada a presença dos seguintes Srs. Vereadores: Airton Braulino Jorge, Alfredo Chiavegato Neto, Antonio Mauricio Cordeiro Hossri, Edison Cardoso de Sá, Fábio Augusto Pina, Karina Valéria Rodrigues, Maria Nalva Vieira Gama, Rainero Venturini, e Rubens das Virgens. Encontrava-se em licença de Vereador, conforme o Art. 311, V, do Regimento Interno, combinado com o Art. 22, II, “a” da Lei Orgânica do Município, a Senhora Rita de Cássia Siste Bergamasco. Constatado número regimental, o Sr. Presidente deu início à Ordem do Dia: Em Segunda Discussão foi apreciado Projeto de Lei nº 005/2011, do Sr. Alfredo Chiavegato Neto, que acrescenta o parágrafo único ao art. 1º da Lei nº 2.014, de 30 de novembro de 2010. (Quorum de deliberação: maioria simples: Art.49, “a” § 1º, do R.I.). Em Discussão e votação foi o referido projeto aprovado por unanimidade de votos. A seguir, em Primeira Discussão seria apreciada a Proposta de Emenda à Lei Orgânica nº 001/2010, dos Srs. Alfredo Chiavegato Neto, Antonio Mauricio Cordeiro Hossri e Fábio Augusto Pina, que dá nova redação ao inciso VIII, do art. 63 da Lei Orgânica do Município para incluir a obrigatoriedade de autorização legislativa para permissão de serviços públicos, porém, o Sr. Rubens das Virgens, apresentou requerimento verbal, baseado no Art. 230, §§, do Regimento Interno, solicitando o adiamento, por três Sessões, da referida proposta, para melhor análise; em discussão e votação, foi o referido requerimento aprovado por unanimidade de votos, e a Proposta de Emenda à Lei Orgânica nº 001/2010, dos Srs. Alfredo Chiavegato Neto, Antonio Mauricio Cordeiro Hossri e Fábio Augusto Pina, que dá nova redação ao inciso VIII, do Art. 63 da Lei Orgânica do Município, para incluir a obrigatoriedade de

autorização legislativa para permissão de serviços públicos, foi encaminhada para a Nona Sessão Ordinária, a ser realizada no dia dezanove de abril de dois mil e onze. Terminada a Ordem do Dia, o Sr. Presidente daria início à Explicação Pessoal dos Senhores Vereadores, que se manifestariam sobre atitudes pessoais assumidas durante a Sessão ou no exercício do mandato (Art. 168, R.I.), mas não havendo inscritos, o Sr. Presidente encerrou a Sessão, convocando a próxima Sessão Ordinária para o dia quinze de março de dois mil e onze, terça-feira, com início determinado para às dezanove e trinta horas. Nada mais havendo a tratar, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme, vai devidamente assinada.

**Vereador Antonio Mauricio Cordeiro Hossri**  
**Presidente**

**Vereador Fábio Augusto Pina**  
**Vice-Presidente**

**Vereador Rubens das Virgens**  
**Primeiro Secretário**

**Vereador Alfredo Chiavegato Neto**  
**Segundo Secretário**



# Câmara Municipal de Jaguariúna

Estado de São Paulo

## CERTIDÃO

Certifico e dou fé, que a Ata da Sessão acima encontra-se devidamente assinada pela Mesa Diretora do biênio a que se refere, registrada em livro próprio e arquivada na Secretaria Legislativa desta Câmara Municipal.

Câmara Municipal de Jaguariúna, 29 de agosto de 2019

**VEREADOR WALTER LUÍS TOZZI DE CAMARGO**  
Presidente da Câmara

